

PATRONO

CADEIRA 32

VAGA

MARIO QUINTANA

Mário Quintana fez as primeiras letras em sua cidade natal, mudando-se em 1919 para Porto Alegre, onde estudou no [Colégio Militar](#), publicando ali suas primeiras produções literárias. Trabalhou para a [Editora Globo](#) e depois na farmácia paterna. Considerado o "poeta das coisas simples", com um estilo marcado pela [ironia](#), pela profundidade e pela perfeição técnica, ele trabalhou como jornalista quase toda a sua vida. Traduziu mais de cento e trinta obras da literatura universal, entre elas [Em Busca do Tempo Perdido](#) de [Marcel Proust](#), [Mrs Dalloway](#) de [Virginia Woolf](#), e [Palavras e Sangue](#), de [Giovanni Papini](#).

Em [1953](#), Quintana trabalhou no jornal [Correio do Povo](#), como colunista da página de cultura, que saía aos sábados, e em [1977](#) saiu do jornal. Em [1940](#), ele lançou o seu primeiro livro de várias poesias, [A Rua dos Cataventos](#), iniciando a sua carreira de poeta, escritor e autor infantil. Em [1966](#), foi publicada a sua [Antologia Poética](#), com sessenta poemas, organizada por [Rubem Braga](#) e [Paulo Mendes Campos](#), e lançada para comemorar seus sessenta anos de idade, sendo por esta razão o poeta saudado na [Academia Brasileira de Letras](#) por [Augusto Meyer](#) e [Manuel Bandeira](#), que recita o poema [Quintanares](#), de sua autoria, em homenagem ao colega gaúcho. No mesmo ano ganhou o Prêmio Fernando Chinaglia da [União Brasileira de Escritores](#) de melhor livro do ano. Em [1976](#), ao completar 70 anos, recebeu a [medalha Negrinho do Pastoreio](#) do governo do estado do [Rio Grande do Sul](#). Em [1980](#) recebeu o [prêmio Machado de Assis](#), da [Academia Brasileira de Letras](#), pelo conjunto da obra.